

TRÊS IRMÃS

Milton Fagundes¹

*Às três irmãs que sempre estiveram sozinhas.
Às três irmãs separadas pelo amor que sentiam.
Às três irmãs vendidas e lançadas à própria sorte.*

Foi quando, finalmente, seu espírito despreendeu-se de seu corpo.

Antônia batia na porta da irmã. Alice não conseguia escutá-la. Sentia apenas o cheio do cigarro queimando, impregnando seu vestido azul escuro, o cabelo cinzento, grosso e sujo. Batia com mais força, mas Alice dormia em um sono mais que profundo, sem dar um sinal de vida que fosse. *Alice! Alice! Alice!* Suas mãos gritavam em desespero. Parecia que a porta iria ser quebrada.

Alice estava isolada, preferiu estar sozinha, com seu nojo, repulsa e solidão. O cantinho era escuro e de lá observava tudo: os homens bebendo jogando cartas, as mulheres sentadas com suas crianças, meninas bem comportadas, meninos correndo pelo piso de madeira, solto, oco, derrapante e estranho. Era tudo muito cinzento, muito triste. Seu pai escrevia no quadro algumas palavras em francês, outras em inglês. Riscava alguns números, algumas operações matemáticas. Detestava fazer contas; era melhor sentar-se no chão e fazer cópias do livro de geografia e ler alguns mapas. Queria saber onde estava o Brasil. Carlos era melhor com os números.

Estava bem irritada – Antônia estava com fome, fedia a cigarro. Queria um prato de comida, ou um pão, arroz com feijão, queria sentar, conversar e falar dos mesmos problemas: a cunhada que recebia dinheiro para lhe dar os remédios no horário certo, o filho que a maltratava, a nora que lhe agredia e lhe rogava pragas. Queria que o sobrinho escrevesse uma carta para Deus. Queria que Deus olhasse para as netas, que abrisse sua mente para os estudos e que fossem de boa índole. Deseja que Deus pudesse fazer algo por ela, que abrisse os Céus – talvez – e mudasse toda sua vida. Estava cansada de cair, de gritar, de balançar-se sozinha na cama. Queria que fizessem suas unhas, que arrumassem seu cabelo, que lhe comprassem roupas novas...

Meu pai, sempre que chegava a casa, chamava Carlos e eu para estudarmos um pouco. Tudo parecia perfeito até que Matilde entrou em nossas vidas. Nunca soube o que papai e ela tiveram – nem mesmo mamãe sabia o que acontecia. Ela era uma índia, parecia uma índia. Gostava de charutos e fazia coisas estranhas. Ela sempre entrava aqui em casa, quando ninguém estava – ela nunca me notou; sempre fui muito calma, a mais calma, mais quieta. Observo mamãe na cozinha,

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos da Literatura, sediado no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF). Licenciado em Letras (português/inglês) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor de Língua Inglesa do quadro permanente da Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC), e da rede privada de ensino.

de pé, cansada, envelhecida, calada como eu. Mal conseguia andar, ou pedir a Zé que tomasse cuidado com Matilde. Meu pai era um bom homem, mas naquele tempo não tinha tantas igrejas como hoje. Agora tem uma em qualquer lugar. Antigamente aqui e lá no Norte só tinha a igrejinha. Aquelas igrejas não são tão fortes como as de hoje. Se ele tivesse ido à igreja, se a gente tivesse chegado ao Rio antes, papai estaria vivo ainda. Antônia, Andreia e Ana não o conheceram. Carlos e eu éramos os mais velhos. Antes mal cabíamos na casa da vovó, mas a pensão dela era o único lugar. Papai já tinha chegado mal aqui.

Voltou a bater com mais força na porta. Alice precisava atender. Mais forte; e mais forte; e mais forte; e mais forte. *Alice! Alice! Alice!* Parecia que algo estava prestes a acontecer. Batia seu coração de forma estranha; parecia um medo; uma angústia; era o sangue? A glicose? Algo circulava mal, mas a pouca instrução que tinha não lhe ajudava a compreender o que passava em seu corpo. Sentou na escada Antônia. Sozinha. Já tinha percorrido todo o morro em busca de um eletricitista – sempre foi muito companheira, generosa e prestativa. Foi à pista, atrás dos muros, desceu a Esperança, subiu a Bonfim... respirava com dificuldade, debatia-se na cama, parecia, parecia que iria morrer, mas pouco sabia de si, de sua vida. Estava com fome, queria algo, alguns cigarros talvez, um pouco de comida, um pouco de amor, ou alguém para conversar. Poucas vezes desciam suas lágrimas, quase nunca, nem mesmo no dia que foi estuprada. Doía, mas nem tanto. Foi engraçado, quis mais, mas de um só. Tudo estava rodando, rodando. *Alice! Alice! Alice...* tremíamos juntas.

A casa estava escura, tão escura e negra quanto sua pele suja.

Alguns vultos apareceram do lado de dentro, manchas... as mesmas manchas do dia em que Leandro tinha falecido. Eu estava na cozinha, era cedo demais, e ele respirava com dificuldade. Podia ter tomado um banho – eu sempre sugeria. Se alguém chegasse, pensaria que a mulher não estava tomando conta. Já tinha picado a banana, colocado algumas bolachas no prato... O copo de refrigerante quente estava vazio. O clima era o mesmo. O tempo sempre cinzento, o sol ofuscado, sem luz, desgastado, sem validade, sem brilho. A morte tinha tomado conta daquela casa – ali, apenas no lado de dentro. *Alice... Alice... A... A... A...* O pano de prato estava em suas mãos, tremiam, agonizavam juntos. Sempre calada como sua mãe na cozinha. Correu, subiu as escadas com os vultos. Eles a perseguiram e ela corria, temia, tremia, subia, ia em busca de ajuda. Por ela? *Vai ali na rua, chama o seu tio, que eu não posso com ele. Alice! Alice! Alice...* todas as vezes era chamada. Até o último suspiro. Leandro morreu, estava livre dos vultos, das visões, as portas se abriam, voariam os restos, os troços e os lençóis agonizantes, sujos e quentes...

Estava suja, segurando pelas paredes, com um pouco mais de compreensão do que se passava ali. Andreia estava no quarto conversando consigo mesma, sentada como sempre nos lençóis sobre o chão empoeirado. Vocês poderiam fazer algo por mim? Implorava por ajuda, por algum dinheiro, de costas para a janela por onde alguns feixes de luz atrevidos e teimosos tentavam entrar. Abria as mãos, apontava os dedos, mostrava as unhas grandes, podres, esmaltes às cascas, fissurados.

Alguns degraus abaixo. Logo abaixo a irmã caía a cada passo que dava. Antônia estava em dúvida – não sabia se era fome ou o vício que a atormentavam. Andreia estava bem consigo mesma e sua cerveja e as vozes que apenas ela conseguia ouvir. Antônia escorria mau cheiro, grosso, sem parar. Caía. Ainda mais. Ainda mais. Apenas um pouco mais até sua maçã do rosto tocar o chão, lentamente, esquivando-se, sem nenhum reflexo ou controle de si mesma. Abraçou o chão.

O joelho estava em carne viva, ensanguentado, dolorido, vermelho, um círculo deformado, algumas linhas, ou riscos. Alice não sentia dor. As lágrimas que desciam eram outras. A lembrança de seu pai e o pedido da mãe: *Alice, veja a Andreia*. Se eu pudesse fazia uma casinha do lado de fora, dava algum dinheiro a ela. Não aqui dentro, Andreia tem seus problemas, e eu tenho os meus. Antônia é quem poderia fazer algo por ela. Talvez elas devessem ir a alguma igreja. *Antônia*. Deus pode limpar a alma. Jesus ajuda, hoje as igrejas têm mais forças, qualquer dia eu também tentarei ir. Antigamente, eu não podia, precisava ver a casa, ou Leandro podia colocar essa mulher aqui dentro. Dentro da minha casa. Eu só queria que ele me respeitasse; a minha casa. Eu amava o sim, eu poderia ter feito mais por ele, se ele tivesse sido bom para mim. Eu queria dar um dinheiro, um bom dinheiro. Quando eu tiver algum, dou um pouco à igreja, um pouco à Andreia. A Antônia não precisa; já tem o dela.

Andreia levantou-se, desceu as escadas acompanhada pelas mesmas vozes em sua mente. Foi à cozinha, abriu a geladeira, guardou o pouco de cerveja que tinha, pegou os cigarros sem estranhar o cheiro podre e as moscas que incomodavam a irmã que estava no chão jogada há alguns dias... uns seis dias, talvez. *Antônia, estou com a minha chave*. Saiu sem se esquecer de bater a porta da sala e a da varanda, deixando Antônia intacta.

A ferida do joelho de Alice parecia melhorar. Não doía tanto quanto antes. Estava tratando do ferimento com um produto caseiro, quando escuta Andreia bater em sua porta. Abre, convidando-a para sentar-se em uma cadeira. Faz um lanche para as duas. E começam a conversar sobre as mesmas coisas, sobre as mesmas vozes e sobre Antônia. Há seis dias Antônia não ia a sua casa pedir comida e nem nada.

Recebido em: 31/03/2016. Aceito em 11/07/2016.